

**OS MAPAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA:
UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEMÁTICA DAS
GRANDES NAVEGAÇÕES E DA CONQUISTA DA
AMÉRICA**

*MAPS IN HISTORY TEXTBOOKS: AN ANALYSIS BASED ON
THE THEME OF THE GREAT NAVIGATIONS AND THE
CONQUEST OF AMERICA*

*LOS MAPAS EN LOS MANUALES DE HISTORIA: UN
ANÁLISIS A PARTIR DEL TEMA DE LAS GRANDES
NAVEGACIONES Y LA CONQUISTA DE AMÉRICA*

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira¹ ORCID: 0009-0006-7791-1138

1 Colégio Militar de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil –
ufpr.fabiano@gmail.com

Resumo:

O presente artigo relata parte de um projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) e pretende analisar as maneiras como os mapas são utilizados nos livros didáticos da disciplina. Para tanto, inicialmente tecemos algumas breves reflexões acerca do livro didático de História para, em seguida, questionarmos a presença e as funções da cartografia dentro desse artefato da cultura escolar. Partimos, para tanto, de uma percepção, baseada na prática docente, de que os mapas são recursos imagéticos muito presentes dentro de tais obras. Nossa hipótese, no entanto, foi a de que eles geralmente são apresentados de maneira ilustrativa e pouco crítica, empobrecendo as oportunidades de trabalho às quais poderiam ser submetidos.

Palavras-chave: Ensino de História. Livro Didático. Cartografia.

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361

Vol. 7, n. 14, ano 2024, páginas 48-65

Recebido: 10/08/2024

Aprovado: 15/10/2024

Publicado: 30/12/2024

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

Abstract:

This article reports on part of a research project developed as part of the Professional Master's Degree in History Teaching (ProfHistória) and aims to analyze the ways in which maps are used in history textbooks. To this end, we first briefly reflect on the history textbook and then question the presence and functions of cartography within this artifact of school culture. To do this, we started from a perception, based on teaching practice, that maps are very present in these books. Our hypothesis, however, was that they are generally presented in an illustrative and uncritical way, impoverishing the work opportunities to which they could be subjected.

Keywords: History Teaching. Textbook. Cartography.

Resumen:

Este artículo relata parte de un proyecto de investigación desarrollado en el ámbito del Máster Profesional en Enseñanza de la Historia (ProfHistória) y tiene como objetivo analizar las formas de utilización de los mapas en los libros de texto de Historia. Para ello, en primer lugar, reflexionamos brevemente sobre el libro de texto de historia y, a continuación, cuestionamos la presencia y las funciones de la cartografía dentro de este artefacto de la cultura escolar. Para ello, partimos de la percepción, basada en la práctica docente, de que los mapas están muy presentes en estos libros. Nuestra hipótesis, sin embargo, era que generalmente se presentan de forma ilustrativa y acrítica, empobreciendo las oportunidades de trabajo a las que podrían ser sometidos.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia. Libros de texto. Cartografía.

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e o lugar do livro didático de História

Atuando enquanto um mediador do conhecimento e um veículo na comunicação deste, o livro didático é um dos principais recursos materiais usados na educação. Como já foi indicado no resumo deste artigo, a própria intenção desta pesquisa partiu do trabalho com o livro didático desenvolvido em sala de aula. Na atuação na rede pública de ensino do estado do Paraná pudemos perceber a importância que os manuais desempenham no magistério. Eles são amplamente utilizados, por professores e alunos, das mais variadas formas: seus sumários e propostas de organizações muitas vezes servem como guias para a construção de planejamentos; seus textos são utilizados para a exposição dos conteúdos; as atividades propostas são meios de avaliação; as imagens podem ser discutidas pelo professor junto aos alunos; os conteúdos presentes nos livros também podem ser

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

utilizados pelos estudantes para pesquisas ou estudos pessoais; enfim, são inúmeras as possibilidades. T tamanha versatilidade levou-nos a questionar a história dessa ferramenta e sua magnitude na educação brasileira, especialmente no que tange ao ensino de História.

Acreditamos, portanto, que pensar e discutir o livro didático seja sempre algo importante e enriquecedor para a reflexão sobre a educação, o ensino e a aprendizagem. Para tanto, é necessário observar esse recurso dentro de uma lógica que engloba produção, distribuição e consumo, e que se insere em uma conjuntura específica: “[...] nenhum livro didático pode ser apreendido como produto abstrato ou neutro, distanciado do contexto histórico em que existiu ou existe” (Schmidt, 2004, p.136). O livro, além disso, atua na articulação entre o professor, o aluno e o conhecimento, assumindo assim grande relevância e sendo suscetível a abundantes questionamentos. É evidente, porém, que seus significados sempre estão sujeitos às maneiras como é usado e que, portanto, suas potências devam permanentemente ser contrabalanceadas às análises das práticas que o cercam.

O uso de um livro “didático” remonta, ao menos, ao século XVII, quando o bispo e educador protestante Iohannes Amos Comenius (1592-1670) defendeu o uso de livros especificamente produzidos para o espaço escolar. Kazumi Munakata (2016) descreve estes livros como “portadores de saberes escolares” e “componentes explícitos da cultura escolar” e aponta que eles seriam, ao menos até o século XIX, muito diferentes daqueles dos quais dispomos atualmente. Os livros destinados aos primeiros anos escolares detinham-se em ensinar a ler, escrever, contar e rezar, muito próximos daqueles utilizados na catequese católica. No entanto, os destinados ao ensino secundário, geralmente frequentado apenas pelas elites, constituíam-se basicamente de compêndios de textos clássicos com trechos organizados de maneira didática. Estes livros teriam acompanhado a especificação das disciplinas escolares, em geral transcrevendo os conteúdos consagrados em cada uma delas, e ganharam papel central com o nascimento de sistemas de educação nacionais, entre os séculos XVIII e XIX. Para além disso, seriam não apenas depositários dos conteúdos, mas simultaneamente dos métodos de ensino em voga, elencando não apenas lições e cursos, mas também atividades e exercícios. Os livros constituir-se-iam, assim, em indícios das práticas educacionais ao seu redor.

Para vislumbrar a dimensão do livro didático no Brasil é necessário apontar brevemente sua inserção nas políticas públicas relativas à educação. O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), autarquia federal criada em 1968 e vinculada

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

ao Ministério da Educação (MEC), é o órgão responsável pela execução das políticas educacionais no Brasil. O fundo age em diferentes áreas, que vão desde a alimentação escolar até a compra de equipamentos, passando pela transferência de recursos e inclusive pelo transporte escolar. Algo no qual a instituição se destaca é a compra e a distribuição de materiais didáticos, atividade exercida através do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Apesar de existir com as características atuais desde 1985, quando foi oficialmente criado, o PNLD insere-se em uma tradição que remonta a 1929, quando foi fundado o Instituto Nacional do Livro (INL), e vincula-se a uma longa trajetória de compra e distribuição de materiais didáticos pelo Estado brasileiro, a qual perpassou todo o século XX e continua a fazer parte da realidade educacional da nação.

A partir dessas primeiras observações, cabe indagar acerca da importância desse recurso especificamente no ensino de História. Um indício dessa importância está nas investigações acadêmicas nas quais o livro escolar é um objeto de estudo. Como nos mostra Alain Choppin (2002), o interesse pelo livro didático de História tem crescido, resultando na proliferação de pesquisas sobre a temática, nacional e internacionalmente. Ainda de acordo com Choppin, os livros escolares teriam sido por muito tempo negligenciados, seja por seu status “cotidiano” e “comum”, seja também por serem “mercadorias perecíveis”. Quando não deixados de lado, tais materiais seriam vistos como meros “espelhos da sociedade” na qual são produzidos, ou ainda como vetores ideológicos e culturais, geralmente vinculados à construção dos Estados nacionais (Choppin, 2002, p.10).

Carlos Alberto Vesentini, em conferência realizada ainda em 1982, apontava algumas percepções acerca do livro didático de História e da educação brasileira naquele contexto. Para ele, haveria, na educação, especialmente naquela destinada às classes sociais menos favorecidas, a concepção de um saber definido, pronto e acabado, dominado por alguém, e que precisaria ser apenas aprendido pelos estudantes. O livro didático, enquanto “ponto comum” entre professores e alunos, estaria igualmente elencado nessa “cadeia de transferências”, tornando-se uma fonte decisiva para ambos os grupos. Já naquela conjuntura percebiam-se pontos problemáticos nos manuais de História, como a concepção linear, cronológica e eurocêntrica, a redução da realidade a discursos totalizantes e simplificadores, e a difusão e reprodução de determinados discursos de poder. Para desenvolvê-los enquanto instrumentos pedagógicos, seriam necessárias evoluções em três sentidos: novas explicações, baseadas em diferentes

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

referências; a exploração de outras formas e linguagens; e a utilização de diversas tipologias de documentos históricos (Vesentini apud Silva, 1984).

Katia Maria Abud (apud Silva, 1984) apresentou o livro didático como um “instrumento de trabalho indispensável” e um dos meios mais utilizados pelos professores, afirmando que ele seria “[...] um dos responsáveis pelo conhecimento histórico que constitui o que poderia ser chamado de conhecimento do homem comum”. Além dessa função, o livro informaria também o professor de História, que, segundo a autora, utilizava preferencialmente esse recurso para a preparação das aulas (Abud apud Silva, 1984, p.81). Para a autora, além das pressões exercidas pela legislação, a necessidade de simplificação da linguagem poderia levar os conteúdos apresentados nos livros a sofrerem distorções, deslocando-os para uma narrativa predominantemente factual. Contudo, mesmo em texto escrito há mais de trinta anos, Abud já apontava para algumas inovações que estariam ocorrendo nos manuais didáticos, como a inserção de tendências da produção intelectual das universidades relativas ao período colonial, à industrialização e aos trabalhadores. Tal constatação não impediu, porém, que a autora apontasse também alguns problemas, como a preponderância das periodizações baseadas em acontecimentos políticos.

Se as produções citadas nos parágrafos anteriores já demonstravam a relevância das pesquisas sobre os livros didáticos em décadas passadas, a produção mais atual reforçou essa percepção. Os materiais didáticos, segundo Circe Bittencourt, “[...] são mediadores do processo de aquisição do conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina” (2011, p.296). Tais materiais poderiam, ainda de acordo com a autora, ser divididos em duas categorias: suportes informativos, recursos produzidos pela indústria cultural para uso escolar, e documentos, produzidos sem intenção didática e para outros públicos, mas aptos a serem utilizados em sala de aula.

Os livros didáticos apresentar-se-iam como os “[...] mais usados instrumentos de trabalho integrantes da ‘tradição escolar’ de professores e alunos [...]” (Bittencourt, 2011, p.299). Conhecidos há cerca de duzentos anos, teriam se tornado especial objeto de interesse do poder público ao longo do último século, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, sendo a História justamente uma das disciplinas mais “vigiadas”. Contudo, mesmo com a existência de diversos estudos criticando a sua função ideológica e de

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

muitas vezes serem vistos como culpados pelos percalços no ensino de História, os livros didáticos continuaram sendo utilizados diariamente nas escolas.

Apesar das críticas, Bittencourt sustenta a impossibilidade de existir um “livro didático ideal”, o que a levou a defender que o livro de História precisa ser avaliado de maneiras mais complexas. Ao mesmo tempo em que o livro didático se apresentaria como um produto cultural inserido, em sua dimensão material, no mundo editorial e na lógica da indústria cultural capitalista, este também apareceria enquanto resultado da intervenção estatal, ao portar-se como suporte de conhecimentos propostos pelos currículos educacionais. O livro didático converter-se-ia, portanto, em um instrumento da constituição do saber histórico escolar, igualmente propondo metodologias de trabalho docente e sendo um veículo de valores ligados a determinado contexto (Bittencourt, 2011, p.301-302).

Como já mencionado acima, por sua relevância, o livro didático de História tornou-se objeto de inúmeras pesquisas. Tais investigações vão desde inquirições sobre seu caráter ideológico, relacionado a diferentes projetos políticos em diversas conjunturas, até questionamentos sobre as relações entre a memória, a História escolar e as identidades, bem como sobre as correspondências entre a produção acadêmica e os conteúdos dos livros e as ausências e estereótipos veiculados por eles. De outro lado, pesquisas mais recentes têm se debruçado sobre questões como os métodos de aprendizagem expressos nos manuais, assim como sobre o caráter mercadológico e o vínculo entre as políticas educacionais e os processos de escolha desses materiais. Além disso, os usos feitos por professores e alunos também têm sido objeto de questionamentos (Bittencourt, 2011, p.303-307).

Com o crescimento do lucrativo “mercado” do livro didático, as editoras têm investido cada vez mais na “estética” de seus produtos, utilizando largamente recursos visuais com o intuito de atrair gestores e educadores no momento da escolha dos livros. Porém, como aponta Carlos Eduardo Ströher, esse investimento não necessariamente foi acompanhado por um trabalho criterioso com essas imagens, uma vez que “[...] a função que estas ocupam em relação aos textos que a acompanham é, muitas vezes, o de meras ilustrações, ou como de provas que embasam e confirmam as informações escritas” (Stroher, 2012, p.47). Como resultado dessa constatação, uma das temáticas relativas ao livro didático de História que tem sido observada atualmente é a relativa à presença e ao uso das imagens nestes materiais. Bittencourt aponta igualmente para o, em geral, mau

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

uso destes recursos imagéticos nos livros didáticos de História, os quais seriam apresentados “[...] sem sugestões de análise que permitam uma atividade pedagógica adequada para um aproveitamento consistente desse material” (Bittencourt, 2011, p.310).

Como produto destinado à venda, o livro didático precisa apelar aos seus “consumidores”, especialmente professores, aos quais geralmente cabe a escolha do material a ser comprado e utilizado. Nesse sentido ganha destaque a questão gráfica, na qual inserem-se as imagens. Os mapas, enfoque desta investigação, podem ser incluídos nesse conjunto de “imagens”, pois fazem parte dos inúmeros recursos visuais colocados nos manuais didáticos, junto a pinturas, fotografias, gráficos, ilustrações, entre outros. Apesar da proliferação de investigações acadêmicas questionando o emprego de diferentes tipos de imagens no ensino de História e especialmente nos manuais didáticos da disciplina, no caso específico dos mapas, esse trabalho ainda está a ser desenvolvido (Rodrigues, 2006, p.8-9).

Em artigo vinculado a sua tese de doutoramento, João Batista Bueno (2011) afirma que, geralmente, os recursos iconográficos aparecem nos livros didáticos associados aos textos, limitando ou dirigindo a leitura para determinadas interpretações. Tais recursos seriam passíveis de diversos usos, incluídos aqueles pensados pelos autores e editores, mas também aqueles subjetivos, realizados pelos interlocutores dos materiais. Para serem vistas como fontes históricas, Bueno enfatiza que as imagens deveriam ser apresentadas como tais, ressaltando-se o fato de serem reproduções de documentos que, por sua vez, foram produzidos por alguém, dentro de determinado tempo e em certo espaço. Se faz interessante mencionar aqui que o próprio edital do PNLD de 2016, analisado na próxima seção, apontou como um dos critérios avaliativos das obras de História a presença de atividades com imagens como fontes para a produção do conhecimento histórico.

A tratativa das imagens seria prejudicada, no entanto, pela permanência da valorização dos documentos escritos como fontes privilegiadas para a produção do conhecimento histórico. As imagens geralmente são utilizadas em exercícios sugeridos pelos livros. Por isso, para se entender o papel dos recursos iconográficos é necessário analisar também as propostas avaliativas nas quais eles estão inseridos. Além da questão histórica, o livro didático também veicula concepções pedagógicas, de conhecimento e de aprendizagem, o que salienta a relevância da análise das atividades desenvolvidas em determinado material (Bittencourt, 2011, p.316-318).

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

Mas, afinal, como os mapas são utilizados nos livros didáticos atuais? A partir das reflexões expostas acima, na seção a seguir verificam-se as formas como os mapas aparecem dentro destas obras, se são vistos como recursos estéticos e ilustrativos, se acompanham e reforçam informações presentes nos textos ou se são apresentados como fontes passíveis de questionamentos e úteis à construção do conhecimento histórico.

Mapas históricos: ilustração ou leitura crítica?

Um dos objetivos da pesquisa exposta através deste artigo foi analisar as formas como os mapas eram empregados dentro dos livros didáticos de História. Nossas hipóteses baseavam-se em uma percepção inicial de que os mapas seriam recursos muito presentes nos livros didáticos, porém usualmente colocados de maneira meramente ilustrativa, sendo pouco recorrente sua utilização enquanto fontes históricas. Para além disso, havia a suposição de que as atividades com mapas presentes nos livros didáticos comumente abordavam-nos a partir de concepções cartográficas tradicionais, inclusive sem a presença de orientações claras para o tratamento crítico da cartografia por parte dos professores.

A resposta ao problema estabelecido e a verificação das hipóteses preliminares ocorreu a partir da análise das catorze coleções da disciplina de História aprovadas no edital de 2016 do PNLD. Este edital destinou-se à compra de livros para os anos finais do Ensino Fundamental e teve vigência para o triênio de 2017 a 2019. Porém, previamente à observação das obras em si, optou-se por verificar as orientações presentes no edital e no guia do PNLD de 2016. No edital encontraram-se menções à cartografia na seção destinada à disciplina de Geografia, contudo, não houve citações dentro da área de História. Na subdivisão que aborda os livros de Geografia, a cartografia foi destacada enquanto meio que “[...] possibilita o registro e o estabelecimento de correlações entre as dimensões da sociedade e da natureza no tempo e no espaço” (BRASIL/MEC/FNDE, 2015, p.55).

No edital foi encontrada apenas uma menção à palavra “mapa”, apontando-o como um dos tipos de imagens presentes nas obras. Já no guia da disciplina de História, material produzido para subsidiar a escolha dos professores, ocorreram 33 citações da palavra “mapa” e uma citação da palavra “cartografia”. Tais citações apareceram nas descrições das obras, nas quais indica-se que todas as coleções selecionadas possuíam, entre outras

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

imagens, mapas que poderiam ser utilizados pelos professores, seja na explicação de conteúdos, seja por meio de atividades avaliativas. Percebeu-se que não existiam explicações pormenorizadas sobre a utilização da cartografia nos livros didáticos, seja no sentido de orientar as editoras, por meio do edital, seja para a orientação dos professores, por meio do guia. O passo seguinte seria analisar propriamente os livros didáticos aprovados.

Dentro das catorze coleções aprovadas, elegeram-se os livros relativos ao sétimo ano, recortando as unidades ou capítulos nos quais era tratada a expansão marítima europeia, ou as chamadas “grandes navegações”. A escolha especificamente destas seções deveu-se a uma impressão, decorrente da prática docente, de que mapas históricos geralmente eram frequentes na abordagem daquele conteúdo. Os exemplares analisados foram os denominados “manuais do professor”, versões diferenciadas produzidas especificamente para o trabalho docente.

Passou-se, então, à seleção das unidades ou capítulos a serem analisados e à verificação da presença dos mapas, atuais e históricos, nas coleções exploradas. Optou-se pela contagem e comparação do número total de páginas destinadas aos conteúdos e do número de imagens existentes nestas páginas. Na sequência, compara-se o número total de imagens ao número de mapas, atuais e históricos, existentes entre elas.

Tabela 1 - Presença de mapas nas obras analisadas

COLEÇÃO	PÁGINAS ANALISADAS	IMAGENS	MAPAS (ATUAIS)	MAPAS (HISTÓRICOS)
História Sociedade e Cidadania	20	31	6	3
Projeto Araribá História	25	25	4	2
Vontade de Saber História	17	23	2	4
Projeto Mosaico História	21	31	12	3
Historiar	15	21	4	2
Estudar História	17	22	3	4
História.doc	17	22	5	3
Projeto Teláris História	19	25	3	0
História nos dias de hoje	29	37	12	8
Piatã História	21	19	7	0
Integralis	15	14	4	0
Projeto Apoema	19	14	3	1
História para nosso tempo	11	11	4	1

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

Jornadas.hist	19	23	5	2
TOTAIS	265	318	74	33

Fonte: Tabela elaborada pelo autor

Primeiramente, fica perceptível a profusão de recursos imagéticos nos livros didáticos analisados. Como pode-se notar na tabela apresentada acima, imagens estão presentes em todas as coleções, geralmente em número igual ou superior ao número de páginas, o que indica a presença, em média, de mais de uma figura por página. Apenas quatro coleções possuem imagens em número inferior ao de páginas analisadas, curiosamente as quatro estão entre as menos escolhidas pelos professores.

Quando o foco são os mapas, percebe-se que estes correspondem a 33,6% do total de imagens presentes nas seções apreciadas, sendo que destes 23,3% são mapas atuais e 10,4% são mapas históricos. Os dados obtidos sugerem, portanto, que a suspeita quanto à presença dos mapas verificou-se verdadeira, pois estes encontram-se em proporção significativa em relação ao montante de figuras existentes. Contudo, essa presença não ocorre de maneira uniforme, pois enquanto na coleção *História para o nosso tempo* (Leya) os mapas correspondem a 54% das imagens e, destes, 40% são mapas históricos, nas coleções *Projeto Teláris* (Ática), *Piatã* (Positivo) e *Integralis* (IBEP) sequer aparecem mapas históricos.

A frequência da cartografia ficou evidente a partir dos dados expostos acima. É pertinente, porém, pensar além da simples existência dos mapas e interrogar a respeito de seus usos e das metodologias com as quais estes são tratados dentro dos recortes examinados. Para refletir sobre essa questão, fez-se a opção por dividir os mapas históricos presentes nos livros didáticos em três categorias: mapas meramente decorativos, ou seja, cuja inserção não estaria vinculada ao texto ou a alguma atividade e que, conseqüentemente, ocupariam uma posição simplesmente estética; mapas submetidos aos textos, os quais ocupariam uma posição marginalizada, geralmente “comprovando” os conteúdos trazidos pelos textos ou ilustrando alguma informação; e mapas apresentados como fontes, os quais estariam em lugar de destaque, estimulando interpretações e problematizações.

Nas trinta e três ocorrências de mapas históricos verificadas, apenas em duas ocasiões estes foram utilizados somente para fins estéticos, sem ligação com o texto ou com alguma atividade. Por outro lado, em catorze momentos os mapas estavam submetidos ao texto do livro, servindo como ilustrações que corroboravam dados

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

comunicados textualmente. Finalmente, em dezessete oportunidades os mapas apareceram como fontes históricas, geralmente inseridos nas aberturas das unidades ou capítulos e em atividades avaliativas nas quais eram apresentados como pontos de partida para reflexões.

Os dados permitem deduzir que uma de nossas suposições iniciais não foi corroborada pela investigação dos livros didáticos. Supôs-se que os mapas históricos essencialmente seriam apresentados como elementos decorativos ou ilustrativos, mas verificou-se que estes são muitas vezes utilizados como fontes históricas. De forma geral, em 48% das vezes os mapas históricos são recursos estéticos ou aportes submetidos aos textos e em 52% são apresentados como documentos históricos.

No entanto, o fato de serem apresentados enquanto fontes não significa, necessariamente, que os mapas históricos sejam tratados a partir de leituras críticas. Embasado nessa premissa, procurei analisar qualitativamente a ocorrência da cartografia histórica e examinar os modos pelos quais ela estaria sendo interpretada. Em linhas gerais, procurou-se definir os mapas encontrados em duas categorias: aqueles sobre os quais incidiria uma interpretação cartográfica tradicional, ou seja, seriam tratados enquanto representações objetivas do espaço; e aqueles lidos a partir de uma cartografia crítica, entendidos enquanto textos produzidos em conjunturas específicas e, conseqüentemente, retóricos. Esse diagnóstico, muito mais subjetivo que aqueles realizados anteriormente, demandou a observação atenta de cada mapa, bem como dos textos dispostos ao redor, das atividades propostas e das orientações direcionadas aos professores.

A questão permitiu observar uma distribuição bastante igualitária entre as possíveis leituras dos mapas dentro dos livros didáticos. Basicamente, observa-se que pouco mais da metade dos mapas ainda são apresentados a partir de leituras tradicionais, enquanto cerca de 45% encontram-se “lidos” de maneiras críticas, entendidos enquanto discursos. Algo que chamou a atenção, no entanto, foi observar que a distribuição era bastante diferente de coleção para coleção, havendo livros com basicamente uma ou outra forma de interpretação dos mapas. Verificamos que, entre os catorze livros analisados, em cinco os mapas históricos são predominantemente submetidos a concepções cartográficas tradicionais e em três existe a preponderância de uma leitura crítica. Nos demais livros, as opções encontram-se distribuídas. Seria pouco provável que um mesmo autor interpretasse uma tipologia de documentos históricos de maneiras diferentes dentro de um mesmo livro, o que nos leva a entender a ocorrência de leituras diferentes dos

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

mapas históricos como indício da autoria coletiva, tendência bastante presente na produção de livros didáticos.

Outra questão interessante é verificar que as coleções com leituras majoritariamente tradicionais (*História Sociedade e Cidadania*, *Vontade de Saber*, *Projeto Mosaico*, *Historiar* e *Projeto Apoema*) somaram um total de 6.571.010 cópias vendidas em 2017, enquanto as coleções nas quais a leitura crítica encontra-se mais presente (*História.doc*, *História nos dias de hoje* e *História para nosso tempo*) venderam um total de 1.006.147 unidades. A comparação revela uma curiosidade: entre os livros mais vendidos ocorre o predomínio de uma cartografia tradicional, o que faz com que a maior parte dos livros efetivamente utilizados sigam essa tendência. Observa-se que, no geral, existem livros com forte presença da cartografia crítica, bem como livros com ambas as vertentes, porém estes, provavelmente, não agradaram tanto aos professores no momento da escolha e, por isso, acabaram não sendo tão usados nas escolas. Percebe-se, assim, que existem opções de livros didáticos que utilizam os mapas históricos como fontes e os sujeitam a leituras críticas, porém estes acabam sendo preteridos e são adquiridos em menor volume.

Como os livros analisados foram os chamados “manuais do professor”, versões destinadas aos docentes que contêm orientações e recursos adicionais, consideramos oportuno verificar se, dentro das seções de subsídios aos professores, existiriam instruções específicas para o trabalho com os mapas. Nossa intenção não foi a de examinar de maneira pormenorizada as orientações trazidas aos docentes, mas sim observar se havia alguma indicação sobre a interpretação dos mapas ou as maneiras como estes poderiam ser utilizados em sala de aula. Observou-se que treze das catorze coleções apresentavam discussões ou mesmo orientações para o uso de imagens no ensino de História, mas apenas em sete coleções eram mencionados especificamente os mapas e indicavam-se sugestões para a tratativa destes (*Projeto Araribá História*, *Vontade de Saber História*, *Historiar*, *Estudar História*, *História.doc*, *História nos dias de hoje* e *Integralis*). Ao analisar os livros percebeu-se que alguns mapas históricos, especificamente cinco, se repetiam em diferentes coleções.

Pelo que se pode perceber através do exame dos livros didáticos desenvolvido anteriormente, os mapas, tanto atuais quanto históricos, estão bastante presentes na maior parte dos manuais. Igualmente, constata-se que em parte considerável dos livros os mapas históricos são tratados enquanto documentos e a partir de abordagens críticas, assim como

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

estão disponíveis aos professores recursos para a interpretação e o uso dos mapas em sala de aula. Infelizmente, porém, vê-se também que, entre os livros mais escolhidos pelos docentes e, conseqüentemente, mais adquiridos pelo PNLD, prevalecem abordagens tradicionais, o que empobrece as possibilidades para a utilização da cartografia no ensino de História. Na seção a seguir buscamos comunicar sucintamente o que acreditamos poder ser “acrescentado” a partir do trabalho com os mapas.

O que os mapas têm a oferecer?

Os documentos históricos ocupam, ou ao menos deveriam ocupar, um lugar de destaque no ensino de História. Eles possibilitam interpretações construídas pelos próprios estudantes e, por isso, associam-se a metodologias mais “ativas”, nas quais os alunos desempenham papéis de proeminência no processo de aprendizagem. Além disso, a tratativa documental oportuniza o contato com o próprio método de trabalho do historiador e, portanto, facilita a percepção de características intrínsecas à construção do conhecimento histórico. A documentação poderia, assim, ser utilizada de diferentes maneiras em sala de aula, cabendo ao docente ponderar tipologias, recortes e métodos a serem empregados (Bittencourt, 2011, p.330).

O professor precisaria, ainda de acordo com Bittencourt, escolher muito bem os documentos a serem trabalhados, pensando em questões como a adequação à etapa de ensino e à idade do aluno, bem como ao planejamento e ao tempo disponível. Além disso, seria preciso também pensar acerca de sua clareza, inclusive em questões de vocabulário, e utilizar fontes diversas. Em suma, as características das fontes deveriam facilitar sua leitura, e não desestimular os estudantes: “O objetivo é favorecer sua exploração pelos alunos de maneira prazerosa e inteligível, sem causar muitos obstáculos iniciais” (Bittencourt, 2011, p.330). Outro ponto importante a ser considerado seria a existência de diferentes linguagens expressas nos documentos históricos. Tais documentos foram produzidos para a sala de aula e expressam diversas maneiras de comunicação e, como tais, precisam ser analisados dentro de suas especificidades. O trabalho com estes recursos precisa ser feito considerando-se a articulação entre os métodos historiográficos e pedagógicos, e passa por habilidades como descrever a fonte, situá-la em termos de autoria e contexto, identificar sua natureza e suas características e mobilizar conhecimentos históricos prévios no exercício da interpretação crítica.

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

Os usos das fontes históricas no ensino de História acompanharam as maneiras como elas foram percebidas pelos historiadores. Como consequência dessa dinâmica, durante muito tempo os documentos foram vistos como evidências das “verdades” a serem assimiladas pelos alunos, os quais eram vistos, por sua vez, como meros receptores passivos que deveriam memorizar o conteúdo ensinado. Nessa lógica, os livros didáticos, assim como os historiadores, por longo período privilegiavam especificamente os documentos escritos. O documento como “prova” estava vinculado a uma perspectiva metodológica na qual o professor ocupava o lugar de proeminência, explorando e descrevendo os documentos com vistas a comprovar o que ensinava. Novas concepções pedagógicas, no entanto, tentaram inverter essa ordem, colocando o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem, o que se refletiu na utilização dos documentos históricos (Schmidt; Cainelli, 2004, p.91-93).

Nesse sentido, estimulou-se a utilização de mapas, gravuras, filmes, entre outros recursos que permitissem ao aluno “imaginar” o passado e, dessa maneira, tornassem as aulas mais “atraentes” e os alunos mais participantes. Contudo, comumente o tratamento didático manteve o significado tradicional em relação ao documento, apresentando este como “prova” do real, desconsiderando-se o fato de ser produto da ação humana e resultado de conjunturas específicas. As críticas feitas às concepções conservadoras a respeito das fontes históricas ao longo do século XX precisam, portanto, também ser pensadas no que tange ao ensino (Schmidt; Cainelli, 2004, p.93-94).

O uso de documentos constituiu-se, dessa maneira, em recurso indispensável, possibilitando o diálogo do aluno com a realidade passada, facilitando sua familiaridade com representações da vida do passado e do presente e fortalecendo sua capacidade de raciocínio. Reavaliar a concepção e os usos das fontes implica também em rever os papéis de docentes e discentes no processo de ensino, ressaltando a interação entre alunos, professores e conhecimentos. O trabalho com os documentos pode, a partir dessas reflexões, ser um excelente ponto de partida para a prática do ensino de História. Os documentos devem, no entanto, sempre ser submetidos a interrogações e problematizações, objetivando-se estabelecer relações entre passado e presente. Como apontado anteriormente, entre as diferentes possibilidades de fontes históricas passíveis de serem trabalhadas pedagogicamente insere-se a categoria geral das imagens. Das mais diversas espécies, as imagens proliferaram-se e exigem cuidados especiais ao serem

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

trazidas para o ambiente do ensino de História, sobretudo para que não se transformem em meras ilustrações ou “atrativos” (Bittencourt, 2011, p.360-361).

Dentro dessa categoria mais ampla das imagens pode-se inserir os mapas. É necessário, porém, questionar a respeito dos motivos e das contribuições que o uso dos mapas poderia trazer ao ensino de História. Interiormente à disciplina da Geografia, já há muito tempo existem reflexões acerca do uso dos mapas que, em geral, partem de abordagens cartográficas mais tradicionais e valorizam o aspecto técnico dos mapas enquanto representações do espaço geográfico úteis aos professores daquela área. Em obras como *Geografia e Didática* (Selbach, 2010) encontram-se orientações para o trabalho com os mapas que englobam a observação e a interpretação de títulos, escalas e símbolos, mas que não vão além disso.

Porém sabe-se que os mapas se constituem em imagens que transbordam a limitação de ilustrações do espaço. Eles são, além de instrumentos para a orientação e localização, meios de informação e comunicação, usados por diferentes públicos para diferentes finalidades, desde o início da história (Oliveira, 2010). Ainda de acordo com Livia de Oliveira, o ato de conhecer o espaço levou o homem à necessidade de exprimi-lo em termos gráficos, fazendo com que os mapas se tornassem formas de expressão e interlocução que exigiam sistemas de “escrita” e “leitura”. Por causa disso, seria necessária uma “alfabetização” para a tratativa dos mapas, no sentido de criar uma “metodologia do mapa” para seu aproveitamento didático. Tal metodologia precisaria levar em consideração o desenvolvimento mental e cognitivo do indivíduo, buscando compreender a construção da percepção e da representação espaciais. Os mapas poderiam, assim, ser utilizados em sala de aula para os mais diversos objetivos, contudo, o trabalho com estes recursos dependeria fundamentalmente dos docentes: “O valor do mapa está naquilo que o professor se propõe a fazer com ele” (Oliveira, 2010, p.23). Nessa linha, Oliveira enfatiza a necessidade de se pensar na formação dos professores para o uso da “cartografia escolar”.

Os mapas, simplesmente entendidos enquanto representações do espaço geográfico, já poderiam acrescentar recursos úteis ao ensino de História, especialmente no sentido de ilustrar um conteúdo ou mesmo interpretar informações sobre temáticas históricas. Quando se pensa, porém, nas contribuições da cartografia crítica, vê-se que essa colaboração pode ir muito além, inserindo-se na discussão a respeito das mensagens subjacentes à produção, à circulação e aos usos de todas as formas de mapas. No que

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

tange especificamente aos mapas históricos, lidos como documentos, as possibilidades ampliam-se ainda mais, pois acabam por intercambiar questões históricas e espaciais, permitindo ao professor e aos alunos o questionamento da própria relação espaço-tempo, aplicada a circunstâncias e conjunturas particulares.

Nesse sentido, o mapa histórico apareceria enquanto fonte histórica de ricas possibilidades, propiciando a tratativa de, entre outras coisas: o conhecimento cartográfico e suas transformações em diversos contextos; as técnicas de produção, bem como a difusão e a utilização dos mapas; as convenções cartográficas e suas possíveis motivações; a compreensão e posterior representação dos espaços, e as mudanças nessas leituras e descrições; os discursos de alteridade presentes nos mapas; as simbologias utilizadas na confecção cartográfica; os silêncios, as não-representações e ausências; as nomenclaturas utilizadas sobre determinados espaços; o imaginário sobre locais conhecidos e desconhecidos; e muitas outras temáticas. Tais proposições precisariam, sempre, partir da leitura da cartografia histórica enquanto fonte e de uma abordagem cartográfica crítica.

Referências

Livros didáticos analisados:

APOLINÁRIO, Maria Raquel (Ed.). **Projeto Araribá História**. São Paulo: Moderna, 2014.

AZEVEDO, Gislaine; SERIACOPI, Reinaldo. **Projeto Teláris: História**. São Paulo: Ática, 2015.

BERUTTI, Flávio. **História para nosso tempo**. Curitiba: Positivo, 2015.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania**. São Paulo: FTD, 2015.

BRAICK, Patrícia Ramos. **Estudar história: das origens do homem à era digital**. São Paulo: Moderna, 2015.

CAMPOS, Flavio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. **História nos dias de hoje**. São Paulo: Leya, 2015.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar**. São Paulo: Saraiva, 2015.

MOCELLIM, Renato; CAMARGO, Rosiane de. **Projeto Apoema história**. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

PELLEGRINI, Marco César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. **Vontade de saber história**. São Paulo: FTD, 2015.

RIBEIRO, Vanise Maria; ANASTASIA, Carla Maria Junho. **Piatã: História**. Curitiba: Positivo, 2015.

SANTIAGO, Pedro; PONTES, Maria Aparecida; CERQUEIRA, Célia. **Integralis história**. São Paulo: IBEP, 2015.

VAINFAS, Ronaldo; FARIA, Sheila de Castro; FERREIRA, Jorge; CALAINHO, Daniela Buono. **História.doc**. São Paulo: Saraiva, 2015.

VAZ, Maria Luísa; PANAZZO, Silvia. **Jornadas.hist**. São Paulo: Saraiva, 2012.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. **Projeto Mosaico: História**. São Paulo: Scipione, 2015.

Bibliografia:

ABUD, Katia Maria. O livro didático e a popularização do saber histórico. In: SILVA, Marcos A. da (Org.). **Repensando a história**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1984. p.81-87.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

BUENO, João Batista G. Imagens visuais em livros didáticos de História. **Resgate**. Vol.XIX, n.22, jul./dez.2011.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, p.5-24, abr./2002.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático como indício da cultura escolar. **Hist. Educ.** (Online). Porto Alegre, v.20, n.50. Set./dez., 2016, p.119-138.

OLIVEIRA, Livia de. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2010. p.15-42.

RODRIGUES, André Figueiredo. Os usos da cartografia nos livros didáticos. **Navigator**, v.02, n.04, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SELBACH, Simone (Supervisão Geral). **Geografia e Didática** (Coleção Como Bem Ensinar). Petrópolis: Vozes, 2010.

STRÖHER, Carlos Eduardo. Aprendendo com imagens: a função das fontes visuais nos livros didáticos de História. **Aedos**, n.11, v.04, set/2012.

Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira

VESENTINI, Carlos Alberto. Escola e livro didático de História. In: SILVA, Marcos A. da (Org.). **Repensando a história**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1984. p.69-80.

Informações dos autores

Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira. Mestre em Ensino de História, professor de História do Colégio Militar de São Paulo. Pesquisa desenvolvida com subsídio da CAPES.

Contribuição de autoria: autor.

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6707024547281447>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

OLIVEIRA, Fabiano Arndt Araújo Pykosz de. Os mapas nos livros didáticos de História: uma análise a partir da temática das grandes navegações e da conquista da América. **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, Caetité, vol. 7, n. 14, 2024, p. 48-65.